

# Funai culpa viajante pelo massacre de 3 funcionários

Brasília (SUCURSA) — O caixeiro-viajante Celso Maia, de quase 60 anos de idade, foi apontado ontem pela Funai como responsável indireto pelo massacre de três de seus funcionários no posto indígena do Alalau, em Roraima, porque não respeitava as índias das tribos Atroari e Waimiri.

O presidente da Funai, General Bandeira de Melo, rodou para a imprensa a gravação do depoimento do único sobrevivente do massacre, Luis Duarte — um rapaz de 19 anos, filho de índios, que conseguiu se esquivar de quase 30 flechas disparadas em sua direção. Depois de andar um dia e uma noite pela mata, conseguiu chegar a outro posto da Funai, em Santo Antônio do Abonari, e foi levado a Manaus, onde relatou o episódio.

## GRUPO ISOLADO

Segundo seu relato, os índios que atacaram o posto não eram waimiris, conforme se pensava inicialmente, mas atroaris, seus parentes da grande família caribe. Alguns dos índios já eram conhecidos dos sertanistas da Funai, mas constituem um grupo isolado que habita as margens do rio Pretinho e não obedece ao tuxaua (capitão) Maruagá, que é o cacique de todas as demais tribos Waimiri e Atroari.

Eles chegaram ao posto do Alalau no dia 16. Apesar de estarem desacompanhados de mulheres, demonstraram intenções pacíficas e confraternizaram-se com os quatro funcionários da Funai encontrados no local. Perguntaram primeiro pelo "papai Gilberto" o sertanista que comanda, desde 1970, a expedição de pacificação. Depois abraçaram alegremente os homens da Funai, e os convidaram a pegar pataú (uma fruta da região com a qual se faz uma bebida licorosa). Foram todos e voltaram à tarde. Fizeram a bebida e tomaram juntos, "alegres e satisfeitos." Também comeram o churrasco de um mutum e um jaboti caçados durante a colheita.

Eram 20 índios e entre eles estavam quatro menores, com idade aparente de 14 anos. Todos levavam arcos e muitas flechas, tantas que, no dia seguinte, 17, pela manhã, fizeram troca de presentes com os quatro funcionários da Funai, entregando-lhes 141 flechas. Arco nenhum foi trocado.

Após terem indagado sobre o sertanista Gilberto Pinto, eles co-

meçaram a perguntar mais tarde pelo mercador Celso Maia, que se encontrava em Manaus.

Os índios, quando falavam de Celso Maia, batiam com a mão violentamente nas nádegas — "um sinal de indignação", segundo os indianistas — e, depois de cuspir no chão, diziam: "Marupá-Maia" — o que, significa na língua dos caribes, a cujo tronco pertencem, que "Maia não presta."

## IMORALIDADE

Celso Maia vendia mercadorias para os trabalhadores que estão empregados pelo 6º Batalhão de Engenharia e Construção na abertura da Rodovia Manaus—Caracará—Boa Vista. A atração e pacificação dos índios atroaris e waimiris e consequência dessa estrada, que corta a terra dos silvícolas e, portanto, foi necessário um trabalho paciente de convencimento dos índios a respeito da missão pacífica do projeto. Nesse trabalho que se iniciou há cerca de seis anos, já houve outras mortes quando, em 1968, uma expedição com 12 pessoas, sob o comando do padre Calleri, foi trucidada, e, como agora, apenas um conseguiu fugir para contar a história.

Há cerca de seis meses, o sertanista Gilberto Pinto advertiu seriamente o vendedor Celso Maia quanto às regras de respeito à cultura indígena. Apesar de ter quase 60 anos de idade, ele procurou conquistar as índias.

Clummentos de suas mulheres, os waimiris e atroaris só voltaram a aparecer sem elas depois do episódio com Celso Maia. Ainda assim, o caixeiro-viajante mostrou-lhes revista com mulheres semi-nuas e disse-lhes para que trouxessem suas "Marias" — palavra que os índios entendem por mulheres.

Depois disso os silvícolas não mais apareceram. Gilberto Pinto também tomou providências proibindo o ingresso do caixeiro-viajante em qualquer um dos postos de atração da Funai. Há três na região: um em Santo Antônio do Abonari, outro em Kamanaru e um terceiro em Alalau, onde houve o massacre.

## O ATAQUE

No dia 17, depois da troca de presentes, os índios voltaram novamente a apanhar patuá e, até então, tudo corria normalmente no posto indígena, mas, ao retornarem da colheita, começaram a demons-

trar hostilidade. Alguns índios se esconderam atrás de árvores de onde mostravam arcos retesados.

Sobressaltados com a hostilidade aparentemente sem razão, dos índios, os funcionários da Funai procuraram suas armas — segundo o relato de Luis Duarte — mas os silvícolas tinham-nas levado para fora da casa.

O que se sucedeu depois é confuso no relato de Luis Duarte. Depois de seus companheiros tentarem apanhar as armas fora da casa, foram mortos pelas flechadas dos atroaris. Um terceiro, Rafael Fonseca Padilha, tentou escapar correndo para o rio que fica a poucos metros da casa: morreu nadando.

Luis Duarte ficou trancado na casa e conseguiu localizar uma caixa de foguetes espoucantes. Disparou dois para o alto a fim de afugentar os índios. Esses então ficaram quietos. Em seguida começaram a bater os pés no chão. Depois jogaram pedras e paus sobre o teto da casa. Como Luis Duarte não saía, atearam fogo ao teto de palha do posto indígena. Enquanto a casa ardia em chamas, o vento espalhou uma nuvem de fumaça em toda a área, permitindo a Duarte empreender a fuga e se jogar no rio. Quando Luis Duarte veio à tona pela primeira vez para tomar ar, os índios não viram, mas quando colocou a cabeça fora d'água pela segunda vez, os silvícolas fizeram uma gritaria e começaram a atirar flechas da margem do rio.

Calcula que tenha recebido cerca de 30 flechas enquanto atravessava o rio a nado. Nenhuma, no entanto, acertou-o, embora quase todas tenham passado rente a ele.

Os atroaris entraram então numa canoa mas, como eram muitos e todos remavam com muita força, o barco encheu-se de água — o que permitiu a Luis Duarte chegar do outro lado e, a salvo, se embrenhar em fuga mata adentro. Estava apenas com um calção e um relógio.

Correu pela mata até anoitecer, quando então, esgotado, encontrou um refúgio e dormiu. O medo, segundo ele, só ocorreu no dia seguinte, quando acordou. Voltou então a correr, só parando quando atingiu o posto indígena de Santo Antônio do Abonari. Dali ele foi levado para Manaus — nova caminhada de seis dias na mata — onde fez o relato para o sertanista Gilberto Pinto e o chefe da Delegacia Regional da Funai, General Antônio Esteves Coutinho.

## Sertanista encontra situação normal

Manaus (Correspondente) — A Funai recebeu ontem pela manhã os primeiros informes do sertanista Gilberto Pinto sobre a situação na área do massacre. Ele esteve no local e informou que a região não apresenta sinais de anormalidade e que os índios, com as mulheres e filhos, estavam próximos ao posto da Funai, como se nada tivesse acontecido.

— General, a situação aqui está calma. Os índios me receberam sem qualquer ressentimento e até me chamaram afetuosamente de "pai Gilberto." Eles não querem guerra, e sim paz. Por iniciativa do chefe do grupo, trocamos presentes — informou Gilberto Pinto ao delegado regional da Funai, General Antônio Esteves Coutinho.

## TUDO CALMO

Antes de descer no posto do rio Santo Antônio, Gilberto Pinto

sobrevoou toda a região, desde o rio Alalau, e não notou nenhum sinal de hostilidade, a não ser os restos do barracão que fora queimado pelos silvícolas.

Entre as vítimas, o único realmente que não era índio aculturado chamava-se Altamir Cardoso de Agular, um mateiro que passou quase toda a sua vida trabalhando no interior, embora morasse em Manaus ultimamente. Sua mãe, Sra. Gervice Cardoso, 42 anos, está inconformada com a sua morte, embora o houvesse advertido várias vezes para não lidar com os atroaris. Seus irmãos — 12 ao todo — acham que ele só morreu porque não tinha um revólver na ocasião, pois era caçador também e atirava bem. A família de Altamir se queixa do procedimento da Funai, que passou 15 dias para dar a notícia, e alega que "essa história de pacificar índio sem arma é

um grande risco que eles não se atreveriam aceitar."

— Meu nome? É Luis Duarte, 50.

Assim falou seca e resumidamente para a imprensa o único sobrevivente do massacre no Alto rio Negro. Índio puro, do grupo sateré, do Demeni, no rio Negro, Luis Duarte não estabelece qualquer diferença física com os seus agressores. Com menos de um metro e sessenta, moreno-escuro, Luis poderia também ser chamado de um atroari se o delegado da Funai não o apresentasse vestido com uma camisa tergal, sapato da moda e uma calça extravagante da Zona Franca.

Ele pouco acrescentou à imprensa, pois o seu relato nada mais era do que uma repetição das palavras do General Antônio Coutinho, delegado da Funai, que o instruiu para falar pouco.